

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.012

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PESQUISA COLABORATIVA: ANÁLISE DA SESSÃO REFLEXIVA DE UMA DOCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

Mifra Angélica Chaves da Costa<sup>1</sup>Maria Ghisleny de Paiva Brasil<sup>2</sup>Edna Lúcia da Rocha Linhares<sup>3</sup>

## RESUMO

Inúmeros dilemas permeiam o espaço escolar e a profissão docente. A formação docente inicial e continuada são duas etapas importantes de serem consideradas na construção do ser professor. Durante muito tempo o fazer pedagógico era irrefletido, inquestionável, rígido e imutável. Precisamos avançar para romper com essa concepção e seguir para um perfil docente que pensa e redesenha a sua prática de ensino. O Grupo de Estudos Formação Continuada Docente em Colaboração da Ufersa campus Caraúbas se debruça sobre formação, identidade, didática e saberes docentes desde a formação inicial dos licenciados até a atuação de professores no âmbito da educação básica e ensino superior. Considerando que estamos nesse processo formativo, o objetivo deste estudo é analisar a prática educativa de uma docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) campus Caraúbas, no

- 1 Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) campus Caraúbas. E-mail: mifra@ufersa.edu.br
- 2 Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) campus Caraúbas. E-mail: maria.ghisleny@ufersa.edu.br
- 3 Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) campus Caraúbas. E-mail: ednarocha@ufersa.edu.br

Rio Grande do Norte, Brasil. O arcabouço teórico é composto pelos seguintes autores: Freire, Tardif, Pimenta, Libâneo, Ibiabina e Brasil. A metodologia se configura como abordagem qualitativa e pesquisa colaborativa. Os instrumentos de pesquisa: observação da aula e sessão reflexiva. Os principais resultados que o estudo aponta é que a pesquisa colaborativa contribui para o repensar docente; possibilita que o educador perceba e reflita sobre as suas lacunas e potencialidades; o diálogo entre pares é um espaço fértil para o crescimento mútuo; a sessão reflexiva traz no seu bojo proposição de ideias e encaminhamentos para uma ação educativa mais empática, consciente, transformadora e assertiva sobre os dilemas da ação docente.

**Palavras-chave:** diálogo, reflexão, professor, pesquisa colaborativa.

## INTRODUÇÃO

Pensar a formação docente é considerar o professor, inicialmente, na sua integralidade. Primeiramente como uma pessoa (Freire, 2011) e, que ele, paulatinamente vai se tornando um educador na sua constância, no cotidiano, no entrelace entre teoria e prática, nas atualizações formativas e nas transformações da sua prática de ensino.

Este artigo parte das vivências do Grupo de Estudos Formação Contínua Docente em Colaboração da Ufersa campus Caraúbas. O grupo é composto por em média quinze pessoas entre professores e professoras da Educação Básica, ensino superior, licenciandos de Letras Libras, Pedagogia Bilíngue, Letras Português e Letras Inglês. As reuniões são quinzenais e como atividades realizamos estudos das obras de Paulo Freire, Bell Hooks, Tardif, Vygotsky, dentre outros.

A pergunta de partida se projeta em: como uma docente da Ufersa desenvolve a sua prática de ensino e quais são as reflexões e mudanças no seu fazer? O objetivo consiste em analisar a prática educativa de uma docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) campus Caraúbas, no Rio Grande do Norte, Brasil.

Temos como autores que ancoram a nossa pesquisa: Freire, Tardif, Pimenta, Libâneo, Castro e Carvalho, Ibiabina e Brasil. A metodologia é tecida pela abordagem qualitativa e pesquisa colaborativa. Destacamos como instrumentos de pesquisa: observação da aula e sessão reflexiva.

Este trabalho está dividido em sete tópicos: primeiramente foi apresentado o problema, motivações para a pesquisa e objetivo. Em seguida, discutiremos sobre a formação docente, o conceito de professor, saberes que devemos incorporar à ação educativa, desafios contemporâneos. Posteriormente, apresentaremos a pesquisa colaborativa e o Grupo de Estudos Formação Continuada Docente em Colaboração da Ufersa campus Caraúbas. Adiante serão apresentados os procedimentos metodológicos. Em seguida, as análises e discussão da observação da aula e sessão reflexiva da professora pesquisada. Após, teremos as considerações finais e referências.

As reflexões trazidas neste escrito permitem um olhar para a nossa própria prática docente, que pode ser múltipla, complexa, singular, mas sempre há possibilidades para aprendermos novos ensinamentos, reinventarmos nossa prática, de novo...sempre.

## DEBATENDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: TORNANDO-SE DOCENTES NA CONTEMPORANEIDADE

O professor é um profissional que não nasce, mas se constitui ao longo do tempo docente. Por isso é tão importante a relação entre teoria e prática na graduação (Pimenta, 2012); a construção dos saberes (Tardif, 2014; Freire, 2011), a discussão de práticas interdisciplinares (Fazenda, 2008), inclusivas (Mantoan, 2003) e continuadas (Imberón, 2000). Nesta perspectiva, Pimenta e Lima (2012) definem o docente como:

É um profissional do humano que ajuda o desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento; é um ser de cultura que domina sua área de especialidade científica e pedagógica-educacional e seus aportes para compreender o mundo. Um analista crítico da sociedade, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade científica, que produz conhecimento sobre sua área e sobre a sociedade (Pimenta; Lima, 2012, p.88).

O professor tem uma característica peculiar que é de reconhecer humano e de desenvolver a sua prática educativa seguindo essa premissa de ser um educador humanizado, que estar e considera as pessoas a sua volta, o qual realiza com destreza o movimento de ensinar e, de repente, aprender com elas. Mediar as relações sociais e a construção do conhecimento são atribuições genuínas do professor. O docente está sempre sendo desafiado a se aperfeiçoar, por isso nunca estamos “prontos”, estamos constantemente “em construção”. Fortunato, Araújo e Medeiros (2022, p.3) defendem que:

trata do processo (de ensinar e de aprender) e não necessariamente dos resultados que isso pode trazer. A educação não se

reduz aos momentos de colheita (notas nas provas, aprovação nos processos seletivos universitários ou das empresas), mas, ao descobrir-se durante... durante leituras, durante tarefas individuais e coletivas, durante os diálogos, durante as explicações, durante as pesquisas... durante, essa é a palavra-chave.

O docente vai se compondo no processo. O “durante” é mais importante que a largada e a chegada do percurso. Se tornar docente não é uma corrida, uma competição, é sobre apreciar os momentos formativos, desde os mais simples até os mais rebuscados. Se constituir docente não é algo fácil, mágico e/ou instantâneo, pois como nos dizia Freire (2011, p.58): “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde”. Cada educador tem seu tempo, ritmo, a partir das experiências que foi vivenciando, se desafiando e sendo desafiado no caminho e as reflexões, modificações que foi fazendo no processo.

De acordo com Fortunato, Araújo e Medeiros (2022, p.4) a prática docente deve ser pautada em exercitar a própria humanidade como professor, pois isso:

se apresenta como verdadeiro “antídoto” para neutralizar as possibilidades da docência como uma profissão técnica ou mecânica. A aridez da docência existe, muitas vezes, não porque deixamos de trabalhar a humanidade dos outros, mas porque teimamos em não desenvolver um trabalho de re-nascimento. Sem esse trabalho de re-nascer, corre-se o perigo de desenvolver-se uma técnica “fria”, sem poder de humanização e mobilização para o processo de aprender.

O professor precisa está em permanente vigilância para não adentrar no comodismo, frieza e/ou insensibilidade no seu fazer pedagógico, pois isso desfaz uma das características principais e que difere o docente de outras profissões que é a humanização, acreditar no potencial dos nossos estudantes e transformar vidas, enfim a sociedade.

A formação docente deve ser pensada e praticada de maneira dialógica, humilde, alegria e libertadora como nos ensinava Freire (2011). O professor precisa estar aberto e promover o diálogo. No diálogo com o outro ensinamos, aprendemos e transformamos. A humildade é algo muito importante

de ser incorporada na ação docente, pois nos faz ter consciência que não sabemos de tudo e, portanto, não cabe sermos arrogantes. É interessante também que o nosso dizer se encontre com o nosso fazer.

O fazer alegre e esperançoso salta aos nossos olhos, pois esses valores nos movem, nos instiga e a mudança social se faz. A educação não deve estar preocupada em transmitir conhecimento, atribuir notas, mas prezar pela formação de sujeitos críticos e emancipados. Para isso precisamos de práticas educativas problematizadoras, que pregam a liberdade e promovem o acesso de todos e todas ao conhecimento. Todos esses ensinamentos de Freire (2011) nos atravessam e nos moldam para diariamente sermos um docente melhor, não no sentido competitivo, mas que vai melhorando a sua prática no processo.

O professor precisa ser um eterno curioso, que é movido pela busca, que não se contenta com respostas rasas e sem sentido, mas se encanta com as indagações, reflexões, dúvidas, incertezas. Freire (2011) defende essa curiosidade epistemológica e que o professor deve ser também um pesquisador, desbravador de conhecimentos.

O docente da atualidade precisa assumir o compromisso de lutar por uma educação emancipadora, que todos os sujeitos imbricados com a prática educativa se tornem críticos e emancipados. E para isso é necessário um trajeto percorrido com os pares, reconhecendo que o trabalho colaborativo e interdisciplinar é bem mais fluído, dialógico, significativo e apresenta resultados mais satisfatórios, ao se comparar com uma docência solitária, que além de fria, sem diálogo, partilhas, não tem perspectivas de mudanças, pois se fecha em si. Não reconhece as suas falhas, lacunas e, portanto, também não permite ampliar seus horizontes.

## **UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO GRUPO DE ESTUDOS FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE EM COLABORAÇÃO**

O grupo de Pesquisa Formação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) do campus Caraúbas é coordenado pela Profa. Dra.

Ghisleny de Paiva Brasil. No ano de 2018, o grupo foi criado com a proposta de investigar, refletir e contribuir com a formação de docentes numa perspectiva colaborativa. Participam do grupo professores da educação básica e ensino superior E contamos também com a valiosa presença dos alunos dos cursos de Letras-Libras, Letras-Inglês, Letras-Inglês, Letras Português e Pedagogia Bilíngue. As reuniões ocorrem, quinzenalmente, com discussões de diversos autores como: Paulo Freire, Maurice Tardif, bell hooks, Lev Vigotski, Mikhail Bakhtin e Selma Garrido Pimenta, dentre outros. Faz parte da dinâmica do grupo realizar leituras, debates, observar aula de professores e professoras colaboradores/as, sessão reflexiva, visitas técnicas e participação em eventos.

O grupo tem participado de inúmeros eventos: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED), Encontro das Cátedras de Paulo Freire, Seminário de Paulo Freire e o Congresso Nacional de Educação (CONEDU). Além da participação, apresentação de trabalhos e a oferta de minicursos, o referido grupo organizou em 2022 o “I Colóquio de Estudos Colaborativos e Formação Continuada: A formação de professores como possibilidade de (trans)formação social”.

No ano de 2024 promovemos o II Colóquio de Estudos Colaborativos Continuada e Formação intitulado “Memória, Identidade e formação docente”, e acontecerá no âmbito do Campus da UFERSA/Caraúbas-RN. O evento definiu como objetivo evidenciar as contribuições da memória docente para o reconhecimento das concepções que alicerçam a prática e a construção da identidade profissional docente por meio das experiências vividas individual e coletivamente que se entrelaçam e tecem construções históricas. Na oportunidade tivemos o lançamento do primeiro livro do grupo “Compartilhamento e colaboração na formação de professores/as do grupo formação”.

Ainda em 2024, o grupo observou a prática de ensino da professora de Língua Portuguesa, a qual atuava numa escola pública de Caraúbas. Outra atividade que realizamos em 2024, foi a observação da aula da

docente, a qual ministrava a disciplina de “Ambiente, Energia e Sociedade” no curso de Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia. Experiência, a qual iremos nos deter neste escrito.

## CONHECENDO A PESQUISA COLABORATIVA

A pesquisa colaborativa com/entre professores da educação básica e investigadores das universidades, tendo como pressuposto a ideia de formação continuada e de transformação das relações pedagógicas nas escolas. Nesse sentido, este artigo se relaciona às experiências de formação docente na perspectiva do Ensino Colaborativo desenvolvidas pelo projeto de pesquisa FORMAÇÃO – Formação Continuada em Colaboração vinculado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido/UFERSA.

A pesquisa colaborativa parte, inicialmente, do pressuposto freireano do “diálogo”, e, com ele, realiza uma jornada de pesquisas em que o avanço teórico-prático é mediado pelas representações dos professores, por suas experiências e histórias profissionais, institucionais e biográficas. Não se trata, portanto, de realizar formação continuada sem, antes e em todo o percurso, ouvir atentamente os professores, considerando-os como produtores de conhecimentos e, logo, como sujeitos fundamentais no processo educativo escolar, e, com isso considerar as alternativas que emergem da prática profissional, que não podem ser desprezadas no processo de mudanças educativas.

Partimos dos pressupostos do dialogismo freireano (2011), para quem os homens são homens porque dizem a palavra e se relacionam por meio dela e nas suas relações sociais. Trata-se, o diálogo, de “encontro dos homens” entre si e mediados pelo mundo. Quanto aos pressupostos da formação colaborativa nos baseamos em Ibiapina e Ferreira (2003), Paiva Brasil (2010), Pimenta (2005) e Zeichner (1993), destacando seus pontos teóricos quanto a colaboração docente como um espaço onde profissionais docentes podem trocar experiências de dentro da sala de aula, além de refletir sobre práticas e conceitos.

Nesse contexto, os Ciclos Reflexivos conduzem o diálogo e dão espaço para que, tanto as alunas quanto as professoras possam refletir sobre suas práticas de forma crítica. Segundo Ibiapina (2008), o trabalho de colaboração auxilia os participantes a investigar e refletir suas ações, analisando a possibilidade ou não de reestruturação do trabalho docente. Além disso, é colocado em prática nos Ciclos o crescimento acadêmico do aluno e a formação continuada do professor colaborativo, pois como afirma Paiva Brasil (2003), a observação colaborativa potencializa a descrição, a interpretação, o confronto e a reconstrução de teorias e práticas relativas ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o saber é co (construído) e (re) construído.

Zeichner (1993) destaca os Ciclos Reflexivos como uma das estratégias usadas para a atividade da reflexão crítica sobre a prática docente. Os Ciclos Reflexivos são momentos para se analisar e avaliar as práticas, permitindo a realização do confronto entre teoria e prática, promovendo a reelaboração de conceitos e a avaliação das possibilidades de mudanças no trabalho do professor.

## **ANÁLISES E DISCUSSÃO**

### **PERCEPÇÕES DA OBSERVAÇÃO DA AULA DE FLOR DO DESERTO**

Na data do dia sete de agosto de dois mil e vinte quatro, às oito horas, na sala 10 do bloco de aulas I da Ufersa campus Caraúbas, a professora pesquisada abriu as portas da sua sala para receber além dos discentes, e nós que fazemos parte do Grupo de Estudos Formação Continuada Docente em Colaboração. Observamos a aula do componente curricular “Ambiente, Energia e Sociedade”, o qual é ofertado no primeiro semestre do curso Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia- ICT. Nesta turma tinha 14 alunos matriculados.

Devido às questões éticas, para este trabalho iremos utilizar como nome fictício para nos remeter a professora participante da pesquisa,

o nome Flor do Deserto, pois simboliza a força e resistência da docente na sua prática educativa desenvolvida no semiárido, mesmo diante dos desafios, apresenta muitos resultados satisfatórios junto às suas turmas. Flor do Deserto é professora universitária é graduada, mestra e doutora na área de agronomia. Possui 15 anos de atuação.

Flor do Deserto é uma docente bastante receptiva, pois acolheu muito bem os alunos e alunas da turma, interagindo muito bem com eles. Fez a revisão da aula anterior e deu continuidade no conteúdo sobre “Os impactos ambientais modelos: poluição atmosférica, hídrica, do solo, radioativa”, dentre outras. Debateu sobre as questões das mudanças climáticas: aquecimento global, efeito estufa, desmatamento e queimadas, demais reflexões, mas sempre relacionando com a realidade dos alunos e alunas.

A docente lançava perguntas e abria para o diálogo, trocas. A turma era muito participativa, respondia, acrescentava, indagava e traziam exemplos das suas realidades. A aula que Flor do Deserto propõe é um modelo de aula dialogada, não é meramente expositiva, fechada, técnica, mas se abre para considerar os conhecimentos prévios e se aproximar da vivência nos seus locais de moradia dos discentes, atribuindo sentido a todo processo de ensino e aprendizagem.

A aula de Flor do Deserto coincide com as reflexões pedagógicas que Freire (2011) fazia, pois assim rompia com a educação bancária de depositar, transmitir o conhecimento na cabeça dos alunos e depois sacar ao final do semestre com provas escritas, listas de exercícios, práticas repetitivas, mas partia para uma concepção de educação problematizadora, que questiona, faz o aluno pensar, refletir sobre as questões ao seu redor e mudar a sua atitude frente a realidade do mundo.

Como afirma Libâneo (2012) “A escola, os professores e alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classe”. A educação é atravessada por influências sociais, econômicas, culturais e políticas.

Flor do Deserto viabiliza nas suas aulas que os alunos se tornem sujeitos ativos no processo de aprendizagem, ela acredita que os discentes são capazes e podem mudar a realidade das suas vidas e do planeta. Todos nós somos o planeta. Somos co-responsáveis pela atual situação do processo das mudanças climáticas e juntos podemos mitigar as consequências dos problemas ambientais.

Ao final a docente revisou o conteúdo, perguntou se os alunos tinham dúvidas e retomou o objetivo da aula. Os alunos se apresentaram muito participativos e engajados com a aula, certamente o objetivo proposto foi alcançado. Consideramos a aula com uma temática atual, relevante e conduzida com leveza, rigor teórico e interação.

## SESSÃO REFLEXIVA: TESSITURAS DE UMA DOCENTE

A sessão reflexiva ocorreu no mesmo dia, às catorze horas, na sala 1 do bloco de aulas III do campus. No início desse momento foi solicitado que a docente Flor do Deserto falasse sobre a disciplina ministrada e a sua prática de ensino:

*Então, assim é uma disciplina que abraça melhor os alunos que estão chegando, por não ter, vamos dizer assim esse grau de dificuldade que as disciplinas para as áreas de exatas oferecem. Então, é uma disciplina muito boa, no sentido de que é um assunto que a gente vive no nosso dia a dia, que a gente, é fácil de encontrar esse debate do assunto da disciplina nos jornais na TV. A gente vive isso, pelo ambiente, as situações que a gente está passando, de desastres ambientais, eventos climáticos extremos, situações onde o meio ambiente não está sendo respeitado, onde o homem agride com ações em seu benefício. É uma disciplina que é atacada pelo capitalismo que só quer a produção sem olhar às consequências que deixa. (Flor do Deserto, Caraúbas, 2024)*

Na fala da professora pesquisada conseguimos visualizar que ela planeja e conduz uma aula contextualizada com a realidade dos alunos, com os problemas reais do mundo. Ela apresenta também na sua fala a preocupação e, portanto, o senso de responsabilidade, compromisso social

que todos nós somos co-responsáveis pela atual situação do planeta. Se percebe o posicionamento político da docente quando, de maneira, firme afirma que: “*É uma disciplina que é atacada pelo capitalismo que só quer a produção sem olhar às consequências que deixa*”. Assim como nos revela Freire (2011) o professor como também a sua prática não pode ser neutra. Ela é permeada de intenção e, portanto, é política.

Gadotti (2008, p.105) defende que “os problemas ecológicos de hoje são menos problemas dos mares, das florestas e do ar do que problemas das grandes megalópoles, causados pelo modo de produção dominante – comumente chamado de capitalismo neoliberal – como forma de dominação política e de exploração econômica”. A educação é o caminho para pensarmos e seguirmos por rotas alternativas de cuidado e equilíbrio com o meio ambiente. Despertar para essa consciência ambiental é fundamental para os futuros cidadãos como também para formar profissionais preocupados com as questões ambientais.

Uma professora colaboradora do grupo destacou “*com relação a metodologia, que essa é a nossa intenção, eu pude perceber essa relação professor-aluno bem estreita, não é aquela questão hierárquica, mas sim aquela relação em que há essa abertura, esse diálogo*”. Foi percebido que a prática de Flor do Deserto é acolhedora, dialógica e que respeita os conhecimentos prévios dos alunos, como nos orientava Paulo Freire (2011).

Libâneo (2013, p.274) afirma que “a interação professor-alunos é um aspecto fundamental da organização da ‘situação didática’, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino”. Conduzir da melhor forma possível a relação professor-aluno não vai garantir a aprendizagem, mas vai contribuir bastante para permitir que os alunos se sintam acolhidos, seguros e convidados a participar da aula, colocando os seus posicionamentos, dúvidas, exemplos e contribuições. A aula se torna mais significativa quando o discente faz parte desse processo.

Sobre acolher, considerar os discentes e construir a afetividade, Freire (2011) afirma que:

Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e efetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (Freire, 2011, p.95-96)

Ser docente é também se importar com os alunos e alunas, conhecer as suas realidades, se solidarizar, ter empatia, ser afetivo, ser gente de verdade. É possível conciliar na sala de aula a rigorosidade metódica com a afetividade. O professor não precisa optar por um ou outro, mas pode dosar. Se pode construir uma relação professor-aluno construtiva, respeitosa.

Uma docente também membro do grupo questionou Flor do Deserto se ela mesmo com todo esse tempo de experiência ainda tinha nervosismo para entrar na sala de aula, se ainda “dá um frio na barriga”. Ela respondeu:

*Dá, porque assim, é... E isso é bom demais todo semestre tem uma turma nova, né, com pessoas novas, pessoas de lugares diferentes. Eu já tive alunos bem maduros que já vieram de outro curso. Já mais experientes. Mas eu já tinha alunos de 16 anos. Terminou muito cedo o ensino médio, passou no ENEM e chegou na faculdade (...) Claro que isso é nas primeiras semanas, no início do semestre, até a gente entrar mesmo com mais interação com os alunos e aí a gente vai se tornando mais íntimo. Porque quando a gente estabelece uma relação assim, claro, como voltando ao que (cita o nome de outra professora colaboradora do grupo) falou, de autoridade, eu sei que a gente deve ter enquanto professora, até para manter mais, como é que diz, o respeito em sala de aula, até onde você deve ir, mas eu procuro sempre não me colocar como “é a professora e vocês são alunos”. Muitas vezes eu digo até assim, hoje eu vou aprender com vocês (...)*

A partir dessa fala podemos constatar que a professora Flor do Deserto considera entrar na sala de aula sempre como algo novo, e, portanto, sente sempre a mesma sensação como a primeira vez que ingressou numa sala e foi ministrar aula. Por mais que o docente planeje as aulas, acumule experiências ao longo da vida, ele lida com pessoas, elas são diversas e estão inseridas em contextos diferentes. É sempre uma nova experiência, lidamos com o inusitado.

Ainda no diálogo suscitado pela sessão reflexiva Flor do Deserto revela que: *“se a gente não sentir o frio na barriga, a gente não tem sangue nas veias”*. Isso demonstra que o educador não deve perder o encantamento, a alegria e o brilho no olhar cada vez que entra numa sala de aula. Ficar nervoso não significa fraqueza, mas coragem, comprometimento e abertura para enfrentar o novo. Ele tem consciência de que não sabe e nem controla tudo.

Sobre a questão da autoridade em sala de aula, Freire (2011) e Libâneo (2013) revelam que o docente deve prezar pela autoridade, a qual é construída na relação professor-aluno e evitar o autoritarismo que é algo imposto, gerando medo, ansiedade nos alunos e formando um ambiente hostil.

Outro aspecto que gostaríamos de destacar na fala de Flor do Deserto *“eu procuro sempre não me colocar como ‘é a professora e vocês são alunos’*. *Muitas vezes eu digo até assim, hoje eu vou aprender com vocês (...)*” é que ela sempre se coloca também como aprendente, ser inconcluso, inacabado que está em processo e aprende à medida que ensina, aprende com os alunos. Isso demonstra a humildade docente, saber também apresentado por Freire (2011).

Outra colaboradora externou o que percebeu no momento da observação da aula da professora Flor do Deserto:

*que bom que a gente fez essa leitura de Pedagogia da Autonomia. Eu já consegui, assim, lançar um novo olhar para Pedagogia da Autonomia depois da sua aula, né? Foi muito significativo para mim sua aula. Muito obrigada por todas as aprendizagens que você me pro-*

*porcionou, que você me ressignificou. Tive vontade de me matricular na disciplina e ser sua aluna, mas graças a Deus que a gente tem essa oportunidade de estar aqui lado a lado, agora que a gente ... acaba que estamos ocupando a mesma escola da vida, nesse universo, às vezes cruel, mas tão significativo que é a universidade, que a gente transforma vidas, né? em todos os aspectos, né? Então assim, a ética a estética freiriana, sua rigorosidade metódica, tão presente na pedagogia da autonomia. Tudo que foi relatado aqui só aponta que não há docência sem discência e hoje você deixou muito claro pra gente isso, porque esses alunos começaram por ali timidamente, e eu sei que não são, nem você estava de forma alguma, [incompreensível] mas a gente tem também esse saber da docência de conseguir amenizar aquilo, né? Às vezes a gente.. só nós sabemos como está com medo e a gente acha que o outro está bem, mas quem representa, tão bem, né? Isso que a gente... para cumprir o objetivo, como você mesmo disse, aquela emoção de cumprir... eh... com responsabilidade aquilo que nos foi confiado que foi uma sala de aula, né?*

Esse momento de sessão reflexiva permitiu que não apenas a prática da professora em questão fosse repensada, mas a prática de ensino de todas e todos nós, pois aprendemos a ser docente, vendo e discutindo sobre as diferentes formas de ser e conduzir a aula. Isso ficou muito evidente quando uma professora confessou que “*Muito obrigada por todas as aprendizagens que você me proporcionou, que você me ressignificou*”. A partir da observação da aula da colega, ela ressignificou a sua ação educativa, permitiu se enxergar na prática da outra.

Em seguida, ocorreu o momento de reconstrução da prática que são as sugestões do grupo:

*Eu ia dizer uma coisa que eu já tive várias vezes essa vontade e nunca implantei porque eu queria retratar Impactos ambientais não só com essas imagens, com as falas que eu faço na aula de aula, mas com músicas, mesmo, tá entendendo? Fazer um trabalho com os alunos que eles pesquisassem músicas que falassem dessa problemática. As baleias é só uma, mas tem aquela música de Eu ia dizer uma coisa que eu já tive várias vezes essa vontade e nunca implantei porque eu queria retratar Impactos ambientais não só com essas imagens, com as falas que eu faço na aula de aula, mas com músicas, mesmo, tá*

*entendendo? Fazer um trabalho com os alunos que eles pesquisassem músicas que falassem dessa problemática (...)*

Flor do Deserto revelou que pretende utilizar o recurso didático de músicas sobre impactos ambientais para incrementar as suas aulas, embora ainda não tenha conseguido executar. Ela considera que a música é algo que envolve os alunos e faz com que eles facilmente relacionem com o conteúdo abordado em sala de aula.

Uma colaboradora sugeriu trazer para as aulas situações-problemas para enriquecer as aulas e outra sugeriu convidar ex-alunos/as que desenvolveram projetos de engenharia de maneira sustentável para apresentar para a turma. Flor do Deserto assim respondeu:

*Legal, legal. Eu ia falar da multiplicação, vocês tocaram assim, de formar multiplicadores. Nesse projeto de arborização, que eu tinha logo no início, que cheguei aqui, também tinha um programa de educação ambiental pelas escolas. Aí os alunos davam palestras sobre a importância da arborização, reciclagem, eh...coleta de lixo... tem algumas temáticas... dentro da escola, como se deve fazer? E na sua casa.. residência... Aí era um projeto só e dentro desse projeto tinha ação de plantio de árvores pela cidade, que era arborizada, mas aí, aí.. esse projeto acabou e eu entrei mais pelo viés da Iniciação científica, né?*

A docente Flor do Deserto é bastante ativa e desenvolve para além do ensino, projetos de pesquisa e extensão. Ela trabalha bem o tripé da universidade que é ensino, pesquisa e extensão. Ela conta que realizou um projeto de educação ambiental em parceria com as escolas. Principalmente sobre essa discussão que embora seja transversal, as instituições escolares ainda carecem dessas reflexões e debates. Esse ponto é importante, pois demonstra o compromisso social de dialogar com a educação básica. Universidade e a educação básica devem estreitar os laços.

Ao final da sessão reflexiva a professora Flor do Deserto agradeceu todos os comentários, críticas construtivas e contribuições, assim falando:

*Então, assim, muito obrigada mesmo por todas as sugestões. Essa de provocar o aluno para que ele veja ao seu redor o ambiente que ele está e trazer para a sala de aula, atrás de soluções eu amei, porque,*

*assim, isso vai ser uma prática, né? Já que a gente carece tanto de prática na minha disciplina, né? E a gente não tem tantas possibilidades de viagem de aula de campo. Então, isso é muito bom. Porque vai trazer algo de fora para cá que vai levar ele lá. Quem sabe até a gente mesmo, né? Dizendo: “Vamos lá no meu sítio. Vamos lá na minha casa. Vamos ver isso.”*

A docente destacou que gostou das sugestões de melhoramento para as futuras aulas e ficou compreensível que a sessão reflexiva viabiliza que a professora (re)aprenda e repense a sua aula cotidianamente. Esse movimento cíclico de estar se mobilizando para aprender algo novo, errar, mas está se inclinando para uma prática mais assertiva e coerente é algo imprescindível.

## CONSIDERAÇÕES

O objetivo deste estudo foi analisar a prática educativa de uma docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) campus Caraúbas, no Rio Grande do Norte, Brasil. Constatamos que esse objetivo foi alcançado, pois conseguimos analisar, refletir e debater sobre a prática da educadora pesquisada.

Os resultados que podemos pontuar: pensar e discutir a formação continuada dos professores; colaboração; produção, a partir da observação e sessão reflexiva; que a prática docente não é estanque; que a relação professor-aluno é importante; a necessidade de equilibrar a rigidez metódica com a amorosidade com os educandos; propor aulas interativas, dialógicas que permitam os alunos colocar seu posicionamento, pensamento crítico, questionamentos; professora e alunos estão aprendendo em conjunto.

As contribuições desta pesquisa foram inúmeras, dentre elas podemos destacar as acadêmicas: formação docente; diálogo entre professores da universidade e educação básica; relação teoria e prática. Já no que diz respeito as contribuições sociais, destacamos: o direito à educação; a discussão da sustentabilidade e o trabalho em equipe.

Este artigo espera que tenha conseguido suscitar reflexões pedagógicas e construir pontes dialógicas, interdisciplinares, sustentáveis e inclusivas para a ação educativa em sala de aula. Não pretendíamos esgotar as discussões, mas contribuir para nos colocar sempre como sujeitos históricos e aprendentes.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2017.

FAZENDA, Ivani. **O Que é interdisciplinaridade?** – São Paulo: Cortez, 2008.

FORTUNATO, Ivan; ARAÚJO, Osmar Hélio; MEDEIROS, Emerson Augusto de. **Ser Professor e os sentidos da Didática por meio da lição tríplice**: renascimento, conhecimento, compaixão. Série-Estudos versão impressa ISSN 1414-5138 versão On-line ISSN 2318-1982 Sér.-Estud. vol.27 no.59 Campo Grande jan./abr 2022 Epub 30-Maio-2022 <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v27i59.1677>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável / Moacir Gadotti. – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. – (Série Unifreire; 2)

IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro Editora, 2008. IBIAPINA, I. L de M; FERREIRA, Mª S. Reflexão crítica: uma ferramenta para a formação docente. Linguagens. Educação e Sociedade, Teresina, n. 9, jan/dez, p. 73-80, 2003.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**: novas perguntas, novas respostas. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar** : o que é? por quê? como fazer? - São Paulo : Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

PAIVA BRASIL, Maria Ghislény de. **A contribuição do estágio supervisionado para a formação reflexiva do pedagogo**. Natal, 2010. 190 p. Dissertação (Mestre em educação) - Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, Natal, 2010. Disponível em: Acesso em: 29 abr. 2021.

PIMENTA, Selma Garrida (org.). **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidades e saberes da docência. In: Pimenta, Selma Garrido (Org) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA BRASIL, Maria Ghislény de. **A contribuição do estágio supervisionado para a formação reflexiva do pedagogo**. Natal, 2010. 190 p. Dissertação (Mestre em educação) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal, 2010. Disponível em: Acesso em: 29 abr. 2021. SMYTH, John. Developing and sustaining the critical. In: SMYTH, John. Teachers as collaborative learners: challenging dominant forms of supervision. Great Britain: Open University Press, 1991.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência** - Teoria e ... Acadêmica, 2012. p. 133-152 DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983>

SANTOS, Leite dos Santos; PAIVA BRASIL, Maria Ghislény de; COSTA, Mifra Angélica Chaves da [Orgs.] **Compartilhamento e colaboração na formação de professores/as**: experiências do Grupo FORMAÇÃO. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. — Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZEICHNER, Kenneth. A formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.